

nova antologia pessoal

jorge luis borges

tradução

davi arrigucci jr.

heloisa jahn

josely vianna baptista



COMPANHIA DAS LETRAS

copyright © 1995, 2008 by maria kodama
todos os direitos reservados

grafia atualizada segundo o acordo ortográfico da língua portuguesa
de 1990, que entrou em vigor no brasil em 2009.

título original
nueva antología personal

capa e projeto gráfico
warrakloureiro

foto página 1
© ferdinando scianna/ magnum photos/ latinstock

revisão
jane pessoa
ana maria barbosa

Os personagens e as situações desta obra são reais apenas
no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos concretos,
e sobre eles não emitem opinião.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Borges, Jorge Luis, 1899-1986.
Nova antologia pessoal / Jorge Luis Borges; tradução Davi
Arrigucci Jr., Heloisa Jahn, Josely Vianna Baptista. —
São Paulo : Companhia das Letras, 2013.

Título original: Nueva antología personal.
ISBN 978-85-359-2242-4

1. Poesia argentina I. Título.

13-02723

CDD-ar861

Índice para catálogo sistemático:

1. Poesia : Literatura argentina ar861

[2013]
todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.
rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 – São Paulo – SP
telefone: (11) 3707-3500
fax: (11) 3707-3501
www.companhiadasletras.com.br
www.blogdacompanhia.com.br

prólogo 11

poesia

a noite em que no sul o velaram 15

fundação mítica de buenos aires 17

xadrez 19

o relógio de areia 21

alusão à morte do coronel francisco borges (1835-74) 24

junín 25

o mar 26

o labirinto 27

labirinto 28

a um poeta saxão 29

jonathan edwards (1703-1758) 31

emerson 32

um soldado de lee (1862) 33

camden, 1892 34

paris, 1856 35

o golem 36

espinosa 40

limites 41

outro poema dos dons 43

o instante 46

édipo e o enigma 47
adrogué 48
o forasteiro 51
everness 53
ewigkeit 54
as coisas 55
adam cast forth 56
a uma moeda 57
new england, 1967 58
james joyce 59
heráclito 60
milonga de dois irmãos 62
milonga de jacinto chiclana 64
os compadritos mortos 67

prosas

a testemunha 71
uma rosa amarela 73
o punhal 75
episódio do inimigo 77
o cativo 79
a leopoldo lugones 81
the unending gift 83

relatos

a aproximação a almotásim 87
tlön, uqbar, orbis tertius 95

emma zunz 116
o jardim de veredas que se bifurcam 123
tema do traidor e do herói 137
o imortal 142
o fim 161
a outra morte 165
homem da esquina rosada 174
a intrusa 184

ensaios

a esfera de pascal 193
a flor de coleridge 198
o sonho de coleridge 203
nathaniel hawthorne 209
a muralha e os livros 234
sobre oscar wilde 238
sobre chesterton 242
o espelho dos enigmas 247
a escrita do deus 252
das alegorias aos romances 259
as *kennings* 264
sobre os clássicos 272

poemas em espanhol

la noche que en el sur lo velaron 279
fundación mítica de buenos aires 281
ajedrez 283

el reloj de arena 285
alusión a la muerte del coronel francisco borges (1835-74) 288
junín 289
el mar 290
el laberinto 291
laberinto 292
a un poeta sajón 293
jonathan edwards (1703-1758) 295
emerson 296
un soldado de lee (1862) 297
camden, 1892 298
parís, 1856 299
el golem 300
spinoza 304
límites 305
otro poema de los dones 307
el instante 310
edipo y el enigma 311
adrogué 312
el forastero 315
everness 317
ewigkeit 318
las cosas 319
adam cast forth 320
a una moeda 321
new england, 1967 323
james joyce 322
heráclito 324
milonga de dos hermanos 326
milonga de jacinto chiclana 328
los compadritos muertos 331

a noite em que no sul o velaram

para Letizia Álvarez de Toledo

Pelo passamento de alguém
— mistério cujo desconhecido nome possuo e cuja realidade
 não abarcamos —
há até o alvorecer uma casa aberta no Sul,
uma casa ignorada que não estou destinado a rever,
mas que me espera esta noite
com tresnoitada luz nas altas horas do sono,
consumida por noites em claro, diferente,
minuciosa de realidade.

Para sua vigília que gravita em morte caminho
por ruas elementares como lembranças,
pelo tempo exuberante da noite,
sem outra vida audível
que não os vadios do bairro junto ao armazém apagado
e algum assovio perdido no mundo.

O andar lento, na posse da espera,
chego à quadra e à casa e à singela porta que busco
e me recebem homens constrangidos à seriedade
que viveram na época de meus antepassados,

e nivelamos destinos no aposento arrumado que dá para
o pátio
— pátio que está sob o poder e na integridade
da noite —
e dizemos, porque a realidade é maior, coisas indiferentes
e somos apáticos e argentinos no espelho
e o mate compartilhado mede horas vãs.

Comovem-me as miúdas sabedorias
que em todo falecimento se perdem
— hábito de alguns livros, de uma chave, de um corpo
entre os outros —
Eu sei que todo privilégio, embora obscuro, é da linhagem
do milagre
e é grande o de participar desta vigília,
reunida ao redor do que não se sabe: do Morto,
reunida para acompanhar e guardar sua primeira noite
na morte.

(O velório gasta os rostos;
nossos olhos estão morrendo no alto como Jesus.)

E o morto, o incrível?
Sua realidade está sob as flores diferentes dele
e sua mortal hospitalidade vai nos dar
uma lembrança a mais para o tempo
e sentenciosas ruas do Sul para merecê-las devagar
e brisa obscura sobre a fronte que se volta
e a noite que nos livra da maior angústia:
a proximidade do real.

fundação mítica de buenos aires

E foi por esse rio de modorra e de barro
que as proas vieram fundar minha pátria?
Deviam ir aos trancos os barquinhos pintados
por entre os aguapés de sua corrente zaina.

Pensando bem na coisa, vamos supor que o rio
fosse então azulado, como oriundo do céu
com sua estrelinha rubra para marcar o ponto
em que Juan Díaz jejuou e os índios comeram.

O certo é que mil homens e outros mil chegaram
por um mar com a largura de umas cinco luas
e ainda povoado de sereias e endríagos
e dessas pedras-ímãs que enlouquecem a bússola.

Fincaram alguns ranchos trêmulos na costa,
dormiram assombrados. Isso — dizem — foi no Riachuelo,
mas é um desses embustes que se forjam na Boca.
Foi numa quadra inteira e em meu bairro: Palermo.

Uma quadra inteira, mas do lado do campo
exposto às madrugadas e chuvas e suestadas.
Essa quadra parelha que persiste em meu bairro:
Guatemala, Serrano, Paraguay, Gurruchaga.

Um armazém rosado como o verso de um naipe
brilhou e em seus fundos conversaram um truco;
o armazém rosado floresceu num compadre,
dono da esquina agora, já ressentido e duro.

O primeiro realejo surgia no horizonte
com seu porte queixoso, a habanera e o gringo.
Na certa o barracão já falava de YRIGOYEN,
um piano mandava tangos de Saborido.

Uma tabacaria incensou como uma rosa
o deserto. A tarde mergulhara em ontens,
os homens partilharam um passado ilusório.
Só faltou uma coisa: a calçada defronte.

Parece-me história o começo de Buenos Aires:
julgo-a tão eterna como a água e o ar.

xadrez

I

Em seu austero canto, os jogadores
regem as lentas peças. O tabuleiro
prende-os até a alva no severo
espaço em que se odeiam duas cores.

Dentro irradiam mágicos rigores
as formas: torre homérica, ligeiro
cavalo, armada rainha, rei postreiro,
oblíquo bispo e peões agressores.

Quando os jogadores tiverem ido,
quando o tempo os tiver consumido,
certamente não terá cessado o rito.

No oriente acendeu-se essa guerra
cujo anfiteatro é hoje toda a Terra.
Como o outro, esse jogo é infinito.

II

Tênue rei, oblíquo bispo, encarniçada
rainha, peão ladino e torre a prumo
sobre o preto e o branco de seu rumo
buscam e travam sua batalha armada.

Não sabem que a mão assinalada
do jogador governa seu destino,
não sabem que um rigor adamantino
sujeita seu arbítrio e sua jornada.

Também o jogador é prisioneiro
(a máxima é de Omar) de um tabuleiro
de negras noites e de brancos dias.

Deus move o jogador, e este, a peça.
Que deus detrás de Deus o ardil começa
de pó e tempo e sonho e agonias?

o relógio de areia

Está certo que se meça com a dura.
sombra que uma coluna no estio
estende ou com a água desse rio
em que Heráclito viu nossa loucura.

O tempo, já que ao tempo e à sorte
se parecem os dois: a imponderável
sombra diurna e o curso irrevogável
da água que prossegue no seu norte.

Está certo, mas o tempo nos desertos
outra substância achou, suave e pesada,
que parece ter sido imaginada
para medir o tempo dos mortos.

Surge assim o alegórico instrumento
das gravuras que estão nos dicionários,
a peça que os grises antiquários
relegarão a esse mundo cinzento

do bispo sem seu par, ou o da espada
inerte, do apagado telescópio,
do sândalo mordido pelo ópio,
do próprio pó, do acaso e do nada.

Quem não se demorou perante o ríspido
e tétrico instrumento que acompanha
na destra mão do deus uma gadanha,
e de que o traço foi por Dürer repetido?

Pelo ápice aberto o cone inverso
deixa cair a cautelosa areia,
ouro gradual que se solta e recheia
o côncavo cristal, seu universo.

É agradável observar a arcana
areia que desliza e que declina
e, prestes a cair, se recombina
com uma pressa inteiramente humana.

A areia dos ciclos é imutável,
a história da areia é infinita;
assim, em tua ventura ou tua desdita,
se abisma a eternidade invulnerável.

Não se detém jamais essa caída.
Eu me dessangro, não o vidro. O rito
de decantar a areia é infinito
e com a areia vai-se nossa vida.

Nos minutos da areia o tempo cósmico
acredito sentir: aquela história
que guarda em seus espelhos a memória
ou a que dissolveu o Letes mágico.

O pilar de fumaça e o que fumega,
Cartago e Roma e a perigosa guerra,
Simão, o Mago, os sete pés de terra
que o rei saxão oferta ao da Noruega,

a tudo arrasta e perde esse infalível
fio sutil de areia numerosa.
Não vou salvar-me eu, fortuita coisa
de tempo, que é matéria perecível.